

Plantas e Corpos: A medicina dos anúncios de remédios nos jornais de Florianópolis (século XIX – século XX)¹

Plants and Bodies: The medicine of drug advertisements in Florianópolis newspapers (19th – 20th century)

Alice Lopes De Souza²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar os anúncios de remédios em jornais de Florianópolis durante o período da virada do século XIX para o XX, entre as décadas finais do Império e os trinta primeiros anos do Regime Republicano no Brasil. Através do estudo dos jornais, buscamos compreender as mudanças que ocorreram na conjuntura do país e como isso influenciou na medicina e na representação dela nos jornais da capital catarinense. A busca por legitimação excluindo conhecimentos populares, normalmente referentes a plantas medicinais e curas, deu lugar à uma posição de poder higienista e reguladora que passou a interferir política e socialmente na sociedade e na construção de suas imagens.

Palavras-chave: Florianópolis; Jornais, Anúncios; Remédios; Medicina;

Abstract: This study aims to analyze medical advertisements in Florianópolis newspapers during the period of the turn of the century XIX to the XX, between the final decades of the Empire and the first thirty years of the Republican Regime in Brazil. Understand the changes that have taken place in the country's situation and how this has influenced medicine and its representation in newspapers in the capital of Santa Catarina. The search for legitimacy excluding popular knowledge, usually referring to medicinal plants and cures, gave way to a position of hygienist and regulatory power that began to interfere politically and socially in society and the building of their images.

Keywords: Florianópolis, Newspaper, Advertisements; Medicine.

Medicina científica e o controle dos conhecimentos populares

O século XIX é marcado por muitas mudanças no espectro medicinal da conjuntura brasileira. Até então não existia uma divisão muito clara entre os saberes populares e os médicos³, todavia a partir do momento em que a família real aportou no Brasil, em 1808, vemos uma mudança gradual, porém significativa, nos investimentos em saúde e na sua institucionalização.

Com a criação das faculdades de Medicina e da Sociedade Brasileira de Medicina, em meados do século XIX, o monopólio médico aumentou e a marginalização de profissionais que

¹ Artigo realizado para a matéria História de Santa Catarina, do curso de História da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Prof.^a Cristina Scheibe Wolff. Florianópolis, 2021.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alicelopesdesouza1@gmail.com

³ STANCIK, Marco Antonio, 2009.

não se enquadravam na normativa científica da época⁴ também. Reduzir os espaços legítimos dos ofícios de cura tornou-se um dos objetivos das ações institucionais e governamentais⁵.

Isso não significava que tais médicos dispusessem do poder por eles almejado para delimitar as práticas terapêuticas e o dia-a-dia da população em conformidade com suas concepções e interesses. Por sinal, durante longo tempo, a população permaneceu alheia a muitas dessas transformações e mesmo resistente aos esforços por eles empreendidos no sentido de desqualificar aqueles que tratavam das enfermidades sem portar um diploma. Para o povo, inclusive membros das elites, a ilegalidade não era sinônimo de falta de aptidão nem de charlatanice, como pretendiam os médicos da academia.⁶

A medicina popular era e ainda é, no geral, guiada pelo conhecimento da natureza, de sua flora e fauna. Mas também inclui concepções de saúde, doença e cura que consideram além da matéria e trazem à tona muito da subjetividade de quem as pratica. Devido ao analfabetismo da época, além dos conhecimentos familiares, as informações sobre tratamentos e cuidados com a saúde tendiam a ser transmitidas de maneira oral durante a vivência diária.⁷ Por outro lado, a parte letrada da população, mesmo que por conta disso fosse induzida a seguir conhecimentos acadêmicos, não reconhecia suas tradições como errôneas e as práticas eram simultâneas. Almanques, periódicos, manuais e guias de medicina popular ocupavam um lugar acessível e eram o material mais procurado pelas famílias em busca de tratamento para suas mazelas.⁸ Ademais, o que foi escrito também pode ser falado, logo, as notícias impressas provavelmente circulavam para além de suas folhas e de seus leitores assinantes, através de redes informais de comunicação.⁹

Em concordância, a pesquisadora Vera R. Beltrão Marques, no livro *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista* (1999), afirma que a continuidade de um saber popular vai além da falta de médicos credenciados, é a tradição de saberes originários de diversas raízes culturais que por muitos anos atua como referência na mentalidade da maior parte da população local, com suas devidas diferenças, em uma constante tentativa de solucionar problemas físicos e espirituais.¹⁰ Sendo assim, é necessário examinarmos momentos históricos não só pela visão da população, mas também procurando compreender suas posições

⁴ SIGOLO, Renata Palandri., 2015.

⁵ Ibid. STANCIK, 2009. p. 126.

⁶ Ibid. STANCIK, 2009. p. 127.

⁷ Ibid. STANCIK, 2009. p. 128.

⁸ LIMA, Tania Andrade., 1995.

⁹ PEDRO, Joana Maria., 1994.

¹⁰ MARQUES, Vera Regina Beltrão, 1999.

sociais e culturais. Não se pode esperar que crenças seculares sejam rompidas facilmente. Inclusive, não devemos fazer juízos de valor acerca dos usos tradicionais populares, visto que muitos remédios que foram produzidos nas primeiras indústrias farmacêuticas tinham como base conhecimentos populares e originários de populações indígenas e africanas sobre plantas medicinais.¹¹

Em Florianópolis o curandeirismo se relaciona com uma cultura popular que sobrevive de contos, folclores, cânticos e tradições. Abarcando múltiplas formas de cura e de saberes, a cultura ilhoa é marcada pelo sincretismo entre crenças e conhecimentos portugueses, africanos e indígenas que dão origem ao conceito de curandeirismo exercido na Ilha.¹² No entanto, a divisão social e racial também pode ser expandida para os cuidados com a saúde e essa segregação é marcante no território da capital catarinense. Ao discorrer sobre medicina popular no Brasil, e mais especificamente em Florianópolis, Gabriela Pohlmann (2007) afirma que não era só por falta de médicos que a população recorria à curandeiros e benzedeadas, mas sim pois os conhecimentos científicos e iluministas eram uma forma nova de cura que disputava com práticas geracionais da sociedade da época.¹³

Visto isso, os periódicos foram procurados pelos intelectuais da saúde como instâncias de legitimação e consagração de seus conhecimentos. Entretanto, cuidados devidos com a saúde e endereços de consultórios dividiam as páginas com os crescentes comerciais terapêuticos que além de estimularem um cuidado autodidata também reforçavam uma relação forte entre a população e a medicina popular. O jornal *O gato*, de 1899, representa bem o campo da imprensa presente em Florianópolis após a ruptura com a monarquia. Em suas páginas encontramos verbetes e poesias, mas principalmente anúncios.

Segundo a historiadora Joana Maria Pedro (1994) a década de 50 do século XIX é apresentada pela historiografia local como um marco na História de Santa Catarina, especificamente na ainda Nossa Senhora do Desterro. Mesmo que não represente um significativo aumento urbano, esse período é expressado como definitivo na economia catarinense, logo também o é na de sua capital, ao marcar a entrada do estado no circuito do comércio agrário-exportador brasileiro.

¹¹ Ibid. SIGOLO, 2015, p. 201.

¹² Ibid. POHLMANN, 2007, p. 54.

¹³ POHLMANN, Gabriela G, 2007.

Tendo em vista os aumentos no custo da alimentação oriundos dos acontecimentos da época, como a Lei de Terras e a suspensão do tráfico de escravizados, o preço de diversas mercadorias sofreu grande alteração, dando à Desterro um novo papel para a trama nacional, principalmente por conta de sua localização privilegiada.¹⁴ A autora defende que essas atividades comerciais em avanço fomentaram o crescimento de uma classe de comerciantes e afins que irão, no decorrer da segunda metade do século XIX, “promover o aparecimento de uma esfera pública formada por pessoas privadas, da qual os jornais serão um dos órgãos privilegiados para a divulgação e diálogo”.¹⁵

O aumento dos anúncios em periódicos advento da propaganda e da busca pelo auxílio das vendas, ações características da sociedade capitalizada, se expande também para as vendas de remédios. Quando olhamos os jornais como produtos de seu tempo e de suas relações, as portas para seu estudo são abertas instantaneamente. Segundo o antropólogo Everardo P. Guimarães Rocha (1990), a produção publicitária tem por objetivo aumentar o consumo, transformar hábitos, influenciar, educar e informar.

Ademais, também podemos encontrar nesses discursos papéis de poder e hierarquizações.¹⁶ Não podemos esperar que os anúncios vendam apenas produtos, é necessário olhar para a parte subjetiva de uma compra e venda. Vendem-se emoções, sensações, memórias, perspectivas de vida, relações sociais, sistemas de classificação e ideologias¹⁷ em quantidades muito maiores que um frasco de remédio, por exemplo, pode suportar. No jornal citado anteriormente é possível ver a seguinte propaganda:

Pílulas purgativas (grifo nosso) de Rauliveira **puramente vegetais** (grifo nosso). Essas pílulas são as únicas que substituem com vantagem os purgativos de óleo de rícino e outros (...) Atestão sua eficácia contra as enfermidades do estomago fígado e intestino; curão também a dispepsia, indigestão, prisão de ventre, apereções produzidas pela bÍlis, supressão da regra nas mulheres, vertigens, tonturas, hydropisias, hemorrhoidas, cólicas, falta de appetite, etc.¹⁸

Termos como “puramente vegetais” demonstram uma relação entre a classe dominante, no caso de Florianópolis majoritariamente de comerciantes e burgueses que sustentaram suas dominâncias e existências ao longo do oitocentos, e a medicina popular, especificamente com

¹⁴Ibid. PEDRO, 1994.

¹⁵ Ibid. PEDRO, 1994.

¹⁶ ROCHA, Everardo P. Guimarães, 1990.

¹⁷ MACHADO, Vanderlei, 2007.

¹⁸ *O Gato*, n.º 1, 28 de out. 1899.

a procura e crença por soluções naturais advindas da flora. O uso de elementos vegetais, como foi dito anteriormente, era e ainda é a base de muitos fármacos, mas o final do século e as mudanças políticas que com ele vieram fizeram com que os nomes das plantas sumissem dos artigos, não necessariamente dos produtos e da cultura, dando lugar à bordões, imagens e ainda mais controle.

Outra questão que pode ser analisada por meio desse anúncio é a relação que a cura nesse período tem com a medicina humoral, principalmente na dita medicina científica, mas de forma singela e enraizada na tradição popular de saúde. A arqueóloga Tania A. Lima, no texto *Humores e Odores: Ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX* (1995), alega que os corpos possuem dimensões sociais e culturais, sendo o corpo um suporte de práticas sociais, atuando como conciliador nas relações do sujeito com o mundo e, enquanto representação de seu meio social, expressa de maneira simbólica sua estrutura e a reproduz.¹⁹ Logo, Lima procura entender de que formas as transformações das práticas medicinais e seus vestígios arqueológicos estão associados à emergência das novas classes socioeconômicas e políticas dos séculos em análise neste artigo.

Provavelmente a medicina hipocrática revisada e reestruturada por Galeno chegará ao Brasil por meio dos portugueses sobrevivendo milênios desde suas primeiras hipóteses.²⁰ A arqueóloga elenca que, a utilização de remédios laxantes, no caso do anúncio em análise “purgativos”, está relacionada com os estímulos constantes à evacuação oriundos da ideia dos humores, da busca pela desobstrução e pelo equilíbrio corporal como cura. No jornal *Correio da manhã*, de 1895, isso pode ser conferido: “Vinho Aroud de Quina – Carne e Quina, o alimento mais reparador junto ao tônico mais energético e de todos os princípios nutritivos da carne”²¹, o anúncio afirma que são os únicos elementos que entram na composição do vinho e que são os melhores “quando se emprega para recobrar o apetite, promover a digestão, reparar as forças, **desaquecer o sangue** (grifo nosso), robustecer o organismo e prevenir anemia e **epidemias originadas pelos calores** (grifo nosso)”. Galeno quando estudou as ideias de Hipócrates conferiu aos humores um caráter fluente e dinâmico, os humores assim passam a ser:

(...) produzidos no corpo a partir dos alimentos, tendo o calor como grande força propulsora a influenciar decisivamente sua formação e dinâmica,

¹⁹ Ibid. LIMA, 1995, p. 45.

²⁰ Ibid. LIMA, 1995, p. 46.

²¹ *Correio da manhã*, 3 de setembro de 1895.

ditavam (os humores) a compleição do organismo ao se equilibrarem de forma diferenciada, com um deles predominando sempre sobre os demais, sem prejuízo para a saúde. Galeno utilizava amplamente em seu arsenal terapêutico purgantes (...) atendendo à seguinte metodologia: remédios ‘frios’ contra doenças ‘quentes’ e vice-versa.²²

A “Pharmacia e drogaria Rauliveira” era marca registrada dos jornais do final do século XIX e início do XX. Autoafirmada como “fabrica dos afamados produtos medicinaes”²³ produzia pílulas purgativas, vinhos, xaropes, licores, depurativos do sangue, sabões e mais. Além do anúncio já analisado dessa drogaria encontramos no *Jornal do Commercio* de 1893 a maior parte de seus sucessos de venda e quase unanimemente a base de seus produtos são plantas medicinais. Um exemplo é o medicamento “Peitoral Catharinense”, um xarope à base de angico, bálsamo de tolu e guaco, plantas que até hoje são utilizadas por suas propriedades medicinais relacionadas à doenças respiratórias e congestionantes.²⁴

Mesmo adentrando o século XX encontramos vestígios físicos da comunicação entre classes mais abastadas e a medicina popular, além da continuação de vendas dos Rauliveira. No jornal *Correio do Povo*, de 1905, lemos os seguintes dizeres: “Aos doentes do estomago camomilla Rauliveira, elixir estomachico, carminativo e toni-digestivo; **composto essencialmente de plantas da flora brasileira** (grifo nosso)”.²⁵ A afirmação de sua composição não seria adicionada ao anúncio se não significasse possíveis compras a partir disso, a ideia de capitalização vem congregada ao desejo de instrumentalização pedagógica.²⁶

Ainda no começo da república podemos conferir médicos no jornal *A Época*, de 1911, indicarem “especialidades pharmaceuticas” repletas de conhecimentos populares aderidos pela ciência, como: “piloliva, oleo de babosa e oleo de coco – excellentes preparados contra a caspa e a queda dos cabelos” ou “unguento santo – remédio para toda e qualquer ferida”.²⁷ Semelhante ao visto até então, quando enveredamos entre documentos históricos impressos e midiáticos é possível notar a predominância de anúncios de medicamentos, durante todo o século XIX, constituídos de textos simples, sem muitas imagens e que apresentavam as principais características dos produtos, suas funções e o endereço de onde seria possível adquiri-los.²⁸

²² Ibid. LIMA, 1995, p. 49.

²³ *Jornal do Commercio*, 7 de dez. 1983.

²⁴ *Jornal do Commercio*, dez. 1893.

²⁵ *Correio do Povo*, 20 de jun. 1905.

²⁶ Ibid. PEDRO, 1994. p. 32.

²⁷ *A Época*, 11 de ago. 1911.

²⁸ SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos, 2017.

Os exemplos elencados se enquadram nessa abordagem, começando uma transição que às vezes inclui afrescos, pequenos desenhos e dedicatórias de pessoas que utilizaram o medicamento e tiveram resultados satisfatórios. A luta pelo fim dos medicamentos não industrializados e possíveis referências à uma saúde com base em plantas ganha mais força aqui,

Se observarmos as propagandas farmacêuticas voltadas ao público leigo, enquanto no final do século XIX e início do XX temos a apresentação de substâncias vegetais na composição do medicamento, que facilitariam seu reconhecimento pelo público, após as décadas de 1920 e 1930 estes ingredientes passam a ser cada vez menos mencionados. Mesmo tendo em sua composição plantas medicinais - ou seus princípios sintetizados - isto praticamente não é colocado em valor pela propaganda.²⁹

Desta forma, fica mais nítido, que a busca da cura através de meios não científicos não foi privilégio de nenhuma classe social específica em Florianópolis, sendo a elite fortemente influenciada pelos controles e projeções dos periódicos, mas estes tendo que utilizar aquilo que faz parte de seus meios de propagação, e as camadas mais populares e marginalizadas usufruindo do que tinham acesso, do que aprenderam de maneira geracional e do que acreditavam ser o certo.

Medicina científica e o controle dos corpos femininos e masculinos

O novo regime republicano, que não alterou profundamente as estruturas socioeconômicas da sociedade brasileira, resultou de um golpe militar. A insatisfação com o governo uniu camadas até então divergentes, a elite viu no exército um meio ideal para a derrubada da monarquia e a instituição de uma política que os colocasse no poder. Os militares, desgostosos da forma como eram tratados, viam a ação golpista como uma salvação nacional.

A inconformação resultou em uma aliança entre os setores militares e os republicanos que culminou na derrubada da monarquia. Longe de ser simples ou efetiva as mudanças foram superficiais provocando conflitos sociais mais amplos do que se esperava, “o resultado desse processo de desenvolvimento foi a perpetuação de valores tradicionais elitistas, antidemocráticos e autoritários, bem como a sobrevivência de estruturas de mando que implicam a marginalização de amplos setores da população”.³⁰

²⁹ Ibid. SIGOLO, 2015. p. 204.

³⁰ COSTA, Emília Viotti da, 1999. p. 15.

Os movimentos que sucederam no fim da monarquia têm uma influência muito grande de mudanças no campo das ideias, como uma renovação. O evolucionismo, o materialismo e o positivismo foram motores nas mãos dos intelectuais da época, a ideia de progresso que todas elas alimentavam tinha a república como efetividade de suas palavras.³¹ A junção do descontentamento com o espaço público, os intelectuais e as novas ideias formaram uma cultura política que fora indispensável na proclamação da república.

Tendo um século para se afirmarem e construírem suas posições sociais de superioridade, os médicos na virada do século XIX para o XX alcançaram o reconhecimento que desejavam, a credibilidade e o *status* completamente diferentes dos terapeutas populares, possuindo poder e projeção social e sendo parte integrada dos intelectuais que buscavam o progresso e a civilização da nação em construção. Essa medicina tendeu a perceber-se como a única capaz de cuidar dos corpos enfermos dessa nova nação e, simultaneamente, como a mais habilitada para compreender o que eram e como combater os males sociais, se despreendendo do passado colonial.³²

Com o avanço da ciência a teoria microbiana das doenças chegou ao Brasil, demonstrando que grande número de doenças era causado por agentes microscópicos diferentes e específicos de acordo com cada enfermidade, não por miasmas. A partir disso, vieram os progressos de imunologia, saneamento e higiene. No entanto, essas percepções se expandiram para o recorte social. Com a introdução dos micróbios nas cidades as divisões sociais não podiam mais ser vistas entre ricos e pobres, capitalistas e proletários. As diferenças passaram então a ser entre saudáveis e não saudáveis, os imunizados, os não vacinados, os doentes e os sadios, etc.³³

De acordo com Lima (1995), a descoberta da teoria microbiana e dos mecanismos de contágio da doença deu o golpe fatal nas teorias hipocráticas, que já não mais atendiam ao interesse da nova classe emergente, principalmente à procura de controle.³⁴ A hegemonia de uma elite médica que crescia a cada doença solucionada foi uma das responsáveis pelas obras higienistas que ocorreram nesse período nas principais urbes do país, influenciadas pela metrópole parisiense, e em outras capitais menores, como em Florianópolis, influenciadas pelas mudanças no Rio de Janeiro, por exemplo. Mesmo sabendo que a falta de higiene não estaria

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2019.

³² Ibid. STANCIK, 2009, p. 130.

³³ Ibid. STANCIK, 2009, p. 130.

³⁴ Ibid. LIMA, 1995.

restrita às classes populares, a política higienista intervencionista voltou-se para a população mais pobre, alegando que suas aglomerações e habitações eram focos nocivos de doenças e acumulações de impurezas.

As modificações urbanas ao longo do começo do século XX utilizaram a busca pelo embelezamento da cidade, que realmente era desejada, como desculpa para o sentimento de desprezo pelo povo e pelo crescimento urbano que ocorria no período.

Se os novos arranjos visavam a um projeto político republicano e moderno, alternativo ao Império, não havia como esconder as marcas de uma sociedade de perfil basicamente agrário-exportador. Em vez da dicotomia fácil — monarquia ou república; barbárie ou progresso —, conviviam tempos distintos, inclusão e exclusão, avanço tecnológico e repressão política e social.
35

Ademais, modernizar as cidades ia além de mudá-las urbanamente, era também medicalizar toda a sociedade, intervindo em hábitos e costumes, ditando novos padrões de comportamento e saúde. Neste contexto, o poder público de Florianópolis adotou medidas que visavam organizar e higienizar o espaço urbano da capital catarinense. Paralelamente, mas não inofensivamente, os jornais mudaram suas estratégias e passaram a publicar diversos anúncios de medicamentos com representações escritas e imagéticas de como seriam um homem e uma mulher higiênicos.³⁶ “É possível acompanhar seus esforços em disciplinar, educar e guiar os corpos e mentes de seus leitores, no sentido da obediência às práticas médicas legítimas que se firmavam, substituindo os velhos métodos populares de tratamento e cura”.³⁷

Um grande estímulo ao fim dos velhos hábitos e a adesão dos novos foi a substituição de boticas por indústrias farmacêuticas, que além de produzirem em maior quantidade deixaram, a partir da onda de modernização, de produzir remédios à base de plantas. O avanço da indústria farmacêutica teve significativa mudança na função do farmacêutico, mas também na função do médico. Além de ser inserida em um contexto que favorece seu crescimento, a industrialização contou com amplos investimentos em propaganda e criação de almanaques e revistas médicas.³⁸

O desenvolvimento da indústria farmacêutica provocou várias transformações no ato terapêutico, mais precisamente na forma de acesso e nas características

³⁵ Ibid. SCHWARCZ; STARLING, 2019. p. 421.

³⁶ Ibid. MACHADO, 2007.

³⁷ SANTO, Beatriz Oliveira, 2020. p. 2.

³⁸ Ibid. SIGOLO, 2015.

dos remédios utilizados para sanar doenças e males. Se, em décadas anteriores, o medicamento era feito pelo boticário em seu laboratório, após os anos 1930, principalmente, esta realidade vai ceder à crescente produção da indústria farmacêutica nacional e internacional.³⁹

Os jornais locais eram escritos pelas camadas letradas que liam os jornais chegados de centros urbanos maiores e organizavam seus artigos, grafias e anúncios nos periódicos locais. Anúncios locais e anúncios nacionais podem ser analisados por conta disso, todavia isso não exclui as funções pedagógicas, civilizatórias e reguladoras presentes, mesmo que essas imposições sejam pela construção de uma imagem nacional do ser homem ou ser mulher. Além disso, apesar das publicações jornalísticas já terem sido consideradas um empobrecimento da cultura, por conta da massificação de informação, é importante destacar que em cidades como Florianópolis, em que o crescimento ainda estava ocorrendo no início do século XX, é um veículo cultural de suma importância, é o que uma população alfabetizada, mesmo que em números insatisfatórios, lia.⁴⁰

O anúncio divisor de águas que marca as novas técnicas de propaganda, nas quais não apenas o texto escrito te convence da compra, mas também o texto imagético, foi publicado em 1900 e segundo especialistas instaurou a “sintaxe publicitária” no Brasil.⁴¹ A imagem de um homem desesperado que tenta se livrar de uma mordida de pano acompanha o seguinte texto principal: “Larga-me... Deixa-me gritar!”, em seguida um subtítulo diz “Xarope *São João* é o melhor para tosse, bronchites e constipações”.⁴²

Vinte anos depois é possível encontrar semelhante propaganda em terras catarinenses, em 1926 o jornal *O Estado*⁴³ circula com a imagem do homem amordaçado por entre suas páginas. O sucesso tão grande do inovador reclame não é surpreendente, levando em consideração as doenças respiratórias e pulmonares que ainda assolavam o país e os gritos abafados dos descontentamentos políticos e econômicos. A analogia da função do xarope como controlador não poderia ser mais pertinente quando percebemos propagandas e medicamentos como instrumentos de fiscalização sanitária e monitoramento higienista.

Desde 1904 o laboratório e unidade industrial Daudt & Oliveira fabrica o marcante xarope *Bromil*, presente em diversos exemplares da capital catarinense durante o começo do

³⁹ Ibid. SIGOLO, 2015. p. 203.

⁴⁰ Ibid. PEDRO, 1994.

⁴¹ Ibid. BUENO; TAITELBAUM, 2008. p. 35.

⁴² Ibid. BUENO; TAITELBAUM, 2008. p. 32.

⁴³ *O Estado*, 6 de nov. 1926.

século XX. Em 1917 no jornal *O Estado* encontramos um singelo anúncio que diz: “tosse das crianças, tosse moços, tosse dos velhos, qualquer tosse, qualquer doença do peito como bronchite, asthma, coqueluche⁴⁴ – curam-se com o *Bromil*”⁴⁵. Ao referir-se apenas no masculino nos mostra uma relação forte entre doenças respiratórias e esse recorte de gênero, na verdade durante esse período muito se falava sobre a relação entre poetas, doenças respiratórias e tuberculose, devido suas vidas boêmias.⁴⁶

Em 1930, também no jornal *O Estado*, encontramos outro anúncio de *Bromil*, agora com o slogan “tosse? Bromil!”⁴⁷. Além do slogan que marca os anúncios nesse recorte temporal e a mudança estrutural clara da propaganda, podemos ver um braço masculino e forte que aponta para o nome do remédio, como uma confirmação de sua eficiência, inclusive com ele. O “melhor remédio para combater as tosses” ao utilizar de um corpo socialmente entendido como masculino em sua propaganda exemplifica o que o historiador Vanderlei Machado afirma, “a saúde masculina se exterioriza num corpo jovem e forte”.⁴⁸

O vigor masculino reaparece muito mais expressivo em 1927 no comercial do remédio *Nutrion* “o elixir da nutrição”⁴⁹. Neste, um homem branco extremamente forte luta com um cavalo, também musculoso e forte. O homem não só luta com o cavalo, mas busca controlá-lo por meio de uma corda amarrada em seu focinho. O controle aqui é uma analogia à força que um homem deve ter e que ganhará ao tomar o elixir, a força para controlar sua fraqueza, magreza, falta de energia e cansaço. Referente não só ao corpo que um homem deveria possuir, a busca por energia e jovialidade está presente em muitos anúncios, representando a grande demanda de esgotamento presente na população masculina da época. O “remédio dos fracos, débeis, dos esgotados e dos convalescentes” também frisa diversas vezes seu nome, *Nutrion*, como uma estratégia para que não esqueçam.

Quando pensamos na conjuntura da cidade e do país, devemos lembrar que garantir a força de seus homens é garantir mão de obra operária, camponesa e comercial. Passou-se, assim, a representar não mais o homem forte que luta com seus cavalos, mas realmente o trabalhador cansado, talvez para uma identificação mais afetiva e efetiva de seus leitores. O crescimento de

⁴⁴ Coqueluche é uma infecção respiratória marcada por sua tosse constante, hoje ela é tratada por meio de vacinas e acompanhamento médico.

⁴⁵ *O Estado*, 21 de abr. 1917.

⁴⁶ Ibid. BUENO; TAITELBAUM, 2008. p. 30.

⁴⁷ *O Estado*, 11 de ago. 1930..

⁴⁸ Ibid. MACHADO, 2007.

⁴⁹ *O Estado*, 31 de dez. 1930.

indústrias – que afetou inclusive a produção dos medicamentos – mudou a estrutura das cidades e as divisões sociais que as constituíam.

Em 1929 o jornal semanal ilustrado do *O Estado* chegava em Florianópolis, suas páginas repletas de comerciais de carros, mecânicos, cartuchos, armas, suplementos infantis e claro, medicamentos. Além das fotografias um anúncio chamou nossa atenção, o remédio *Phytina* “*Ciba*” que ao falar de doenças físicas, também considera as mentais, prevendo o futuro daqueles que na leitura estavam cansados, mas não iriam tomar o remédio, em poucos meses estariam demitidos. Em um mundo capitalizado a preocupação com a “fraqueza mental” ou com o “completo esgotamento nervoso” é de se considerar inesperada, visto que estes são causados pelo crescimento constante de trabalhos sem remuneração adequada ou direitos trabalhistas.

Todavia, não é inesperada a culpa desses problemas recair sobre o trabalhador, sua pobreza é fruto da falta de saúde. Por que estão cansados? Pois “não fortificaram os seus nervos tomando *Phytina* “*Ciba*”!”⁵⁰. Na verdade, podemos pensar o quanto realmente as indústrias de remédios se preocupavam com as dores e padecimentos de seus compradores, uma vez que propagandas compartilham a ideia corpo individualizado e produtivo que propiciam processos de medicalização e patologização da vida.⁵¹

A função do homem era então ser um bom trabalhador, sadio, forte, patriótico e higiênico. Ser um cidadão útil a si, aos seus e à sociedade. Não ser um preguiçoso e muito menos um doente. Pelo menos, é isso que o anúncio da *Neo – Necatorina* nos ensina. Na imagem podemos ver um escritório e três homens brancos, um deles sentado aparentemente está despedindo o que está de pé, abatido e com uma barriga grande e exagerada. O terceiro homem impede a despensa e o seguinte diálogo acompanha a imagem:

Este homem não é um máo operário!
- Você não deve despedir esse operário!
- Mas porque? Pois se ele é o typo preguiçoso e o seu trabalho cada vez rende menos!
- Esse homem é um doente que pode ficar bom num só dia, **tornando-se um cidadão útil a si, aos seus e à sociedade** (grifo nosso). Ele não é um preguiçoso. Basta prestar – se atenção a seu aspecto anêmico, a sua cor de cera, a seu ventre inchado, para ver-se que é um Opilado⁵². Em vez de tirá-lo pão **muito mais humano e patriótico é curá-lo** (grifo nosso). Fala -o

⁵⁰ *O Estado*, 9 de nov. 1929.

⁵¹ Ibid. SANTOS, 2017. p. 12

⁵² Opilação é um dos nomes dados ao amarelão ou ancilostomose, doença causada pelos parasitas intestinais *Ancylostoma duodenale* e/ou *Necator americanus* (origem da nomenclatura do remédio).

tomar “*Neo – Necatorina*”: Você verá como dias depois elle estará disposto para o trabalho, alegre e sadio.⁵³

O comercial de vermífugo nos possibilita entender tanto a personificação ideal de um operário, quanto o que se espera de um chefe. Segundo Machado (2007), a constante aparição da falta de iniciativa para o trabalho na imprensa de Florianópolis durante os anos 20 pode estar relacionado com as ações governamentais da época que visavam combater moléstias que, pensando em um discurso sanitarista, “degeneravam a população e impediam a prosperidade econômica tanto da capital quanto do Estado”⁵⁴. O combate às verminoses culminaria, assim, na ascensão econômica de Florianópolis, pois seus avanços demorados dependiam de uma população sadia.

Em meio a medicamentos que supostamente são funcionais para todas as pessoas, encontramos a maioria das soluções femininas no tratamento de um único órgão, o útero. O laboratório e unidade industrial Daudt & Oliveira, anteriormente citado pela difusão do remédio *Bromil*, também possuía outros queridinhos da saúde, como é o caso do remédio *A Saúde da Mulher*. Acredita-se que seja um dos medicamentos que mais investiu em propagandas durante todo o século XX, acompanhando todas as mudanças midiáticas, produzindo almanaques, *outdoors*, propagandas de rádio e televisão até os anos 70.⁵⁵ Tornou-se o remédio oficial feminino, logo, o mais consumido e um dos maiores produtores imagéticos do que seria uma mulher ideal.

Diferente do que vimos na construção de uma saúde masculina, a beleza era sinônimo de saúde para as mulheres. A propaganda desse medicamento introduziu uma nova relação com o corpo da mulher, ter saúde e felicidade era o mesmo que ter um útero e ovários sadios.⁵⁶ Da mesma forma que outros elixires da saúde passaram por um processo de reformulação gráfica e imagética, *A Saúde da Mulher* também o fez. No jornal *O Estado*, de abril de 1917 é possível encontrar um singelo anúncio que diz: “é preciso que as decorem: Doenças do útero – flores

⁵³ *O Estado*, 11 de ago. 1930. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

⁵⁴ Ibid. MACHADO, 2007.

⁵⁵ Ibid. BUENO; TAITELBAUM, 2008. p. 28.

⁵⁶ Ibid. MACHADO, 2007.

brancas⁵⁷, hemorragias, suspensões, cólicas, etc. – curam-se com *A Saúde da Mulher*”⁵⁸. Nesse pequeno recorte encontramos apenas os dizeres, mas uma estratégia muito eficaz de vendas, além de ser escrito no feminino, ele afirma que você, mulher, precisa decorar que sua doença só possui uma solução. A linguagem eloquente, a retórica convincente e a utilização de ilustrações nos anúncios do medicamento feminino chegaram em Florianópolis em 1930, juntamente com o grande potencial de “orientação das condutas e subjetivação femininas”.⁵⁹

A ideia, não errônea em seu íterim, de que mulheres conversavam entre si sobre suas aparências e problemas de saúde é o principal enredo do anúncio agora analisado. Duas mulheres brancas de posição social avantajada conversam e uma delas queixa-se de sua aparência envelhecida e se compara a outra tão bonita, moça e saudável. Ao questionar o segredo de “Maria”, a mesma responde sem pestanejar que não era segredo e sim o cuidado de tomar *A Saúde da Mulher*, “reestabelecendo a saúde, prolonga a mocidade”.⁶⁰

Apesar da afirmação de uma “velhice prematura” a representação de ambas segue um padrão muito específico de beleza e de comportamento social. A aparição de mulheres idosas em jornais é vista em casos muito isolados de remédios para dores e reumatismos, mas como o objetivo d’*A Saúde da Mulher* é evitar isso, não teria por que a construção dessa imagem em suas propagandas. “Coitadinha! Parece uma velha!!” é a frase de efeito na propaganda das *Pilulas de Foster* em 1928.⁶¹ O parecer velha na imagem não está relacionado à sua aparência física, que na verdade é considerada como adequada para a época, mas sim às dores, fraquezas, cólicas renais e outros resultados derivados da insuficiência renal que podem ser resolvidos com o “excellente restaurador dos rins”.

As pesquisadoras Beatriz Oliveira Santos e Idilva Maria Pires Germano estudaram múltiplos anúncios, e mais especificamente os almanaques, produzidos pelas indústrias Daudt & Oliveira no artigo *Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d’A Saúde da Mulher* (2020). Neste sentido elas afirmam que:

⁵⁷“Flores brancas” atualmente recebem o nome de corrimentos e o termo utilizado como um eufemismo mostra a relação complicada com o falar sobre doenças da cavidade vaginal durante o século XX. “(...) infecções ginecológicas caracterizadas pela leucorreia. Esses corrimentos vaginais, hoje em dia rapidamente tratáveis, eram um tormento crônico para as mulheres do século passado (século XIX), que viviam anos a fio infectadas, com poucas chances de cura” (LIMA, 1995, p. 62) – até a chegada do *A Saúde da Mulher*, ou pelo menos, é isso que os anúncios nos dizem.

⁵⁸ *O Estado*, 21 de abr. 1917. Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

⁵⁹ Ibid. SANTOS; GERMANO, 2020. p. 5.

⁶⁰ *O Estado*, 9 de jun. 1930. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

⁶¹ *O Estado*, 31 de mai. 1928. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

No novo mundo das famílias burguesas, onde as mulheres passavam a “guardiãs morais das famílias” (MARTINS, 2004), os almanaques ajudavam no monitoramento da sexualidade feminina e das suas funções reprodutivas de modo que viessem a desempenhar bem seus papéis de boas esposas, mães e donas de casa. Imperativos de saúde e bem-estar eram dirigidos às mulheres que deviam se desdobrar para preservar sua própria saúde e a de sua família, e como consequência, garantir a saúde geral, o vigor e o progresso da nação brasileira (CASA NOVA, 1996) (...) e de cumprir as ordens da Saúde Pública como um modo de exercer o patriotismo e de colaborar com o crescimento do País.⁶²

O discurso dos anúncios revela seu papel pedagógico ativo que inclui diversos elementos como as relações maritais heterossexuais normativas, o binarismo de gênero e a ciência médica especialista e sanitária.⁶³ A partir de uma clara matriz patriarcal – partindo da crença na qual os homens detêm poderes sociais, culturais, familiares, institucionais, etc. justificados pelo pressuposto de suas superioridades – os comerciais alimentam os papéis tradicionais de gênero, com distinções entre as funções e naturezas do homem, de ser um bom provedor, cidadão e trabalhador, e da mulher, responsável pela família e controle do lar, e suas normas de condutas sociais e culturais.

Para ilustrar o afirmado, encontramos uma reportagem *d'A Saúde da Mulher* de 1930 que se lê “Os marido são maos enfermeiros!”⁶⁴ seguido pela ilustração de uma mulher com lágrimas nos olhos deitada em sua cama, com aparência doentia, e seu marido de costas e perfil indignado. Abaixo da imagem a seguinte narrativa:

- “Você é injusto! Eu, tão doente e Você ainda por cima fica de mau humor, como si eu tivesse a culpa!”

Não importa saber si é ou não injustiça. É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São, portanto, maos enfermeiros e quase sempre acham que as esposas foram imprudentes! **E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ao combater nos primeiros symptomias** bastando para isso a prudência de terem em casa um vidro do grande remédio *A Saúde da mulher* (...) **é uma medida sabia prudência, não só para o cuidado da saúde como também para a defesa da felicidade doméstica**, porque *A Saúde da mulher* **mantem integral e constante o encanto do Marido**”

A profilaxia no período aqui estudado ainda estava em constituição de medida preventiva, sendo inclusive manifestada pelos sanitaristas como solução aos problemas

⁶² Ibid. OLIVEIRA; GERMANO, 2020. p.7.

⁶³ Ibid. OLIVEIRA; GERMANO, 2020.

⁶⁴ *O Estado*, 11 de ago. 1930.

epidêmicos nacionais. Cabe a mulher praticar algo que estava em avanço ainda, a solução anterior ao problema efetivo, como garantia de sua saúde, mas principalmente da saúde familiar, ao manter o provedor, seu marido, integral e constantemente encantado. O homem cansado do trabalho, e possivelmente doente, não deve auxiliar sua esposa descuidada, imprudente e negligente com os cuidados do corpo. “Só é doente quem quer”⁶⁵ como bem dizia o anúncio do remédio *SANACUTIS*, remédio especificamente feminino e não ironicamente “indispensável na toilette íntima das senhoras”.

Observações Finais

Considerando as grandes mudanças pelas quais a historiografia passou a partir de meados do século XX, a evolução documental e as viradas linguística e subjetiva, que alteraram a forma como a ciência histórica era produzida⁶⁶, temos atualmente uma nova concepção sobre o ofício do historiador, sua função social e o uso das fontes que constituem a base da pesquisa histórica. A visão do documento como monumento, construída por Le Goff (1990) ao afirmar que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”⁶⁷ participou da construção das novas visões historiográficas e da transformação do tratamento dado às fontes. Sendo assim, procurou-se evidenciar como podemos, por meio da análise detalhada de anúncios periódicos como fontes, encontrar mais do que *slogans*, frases retóricas e ilustrações exageradas. A imprensa como objeto de seu meio propaga representatividades e censuras em uma dialética interessante entre ser um resultado das relações sociais e suas regras, e ser uma causadora dessas.

Em Florianópolis a cultura popular e suas medicinas propagadas possuíam, e ainda possuem, muita força na cura física e espiritual de seus moradores. A medicina científica buscou exercer durante o século XIX maneiras de acabar com outros tipos de conhecimentos, ignorando que sua própria existência deriva deles. Entretanto, como fica evidente nos jornais do final deste século e início do outro, não só camadas populares colocavam em prática “curandeirismos”, mas também grande parte das elites, que não reconheciam equívocos nessas ações – elites essas compostas também por médicos acadêmicos. Por isso, a procura medicinal pelo apagamento

⁶⁵ *O Estado*, 30 de mai. 1915.

⁶⁶ SARLO, Beatriz, 2007.

⁶⁷ LE GOFF, Jacques, 1992. p. 515.

dos “charlatanismos” não foi bem sucedida, até a chegada da República e o avanço do que se convencionou chamar de progresso.

Esta medicina que passou a ser política, social, comprometida com a saúde em primeiro lugar e não com a doença, meio de profilaxia e não só de cura, amplificou e intensificou sua atuação, principalmente devido a conjuntura nacional, a migração de ideias com a Europa e os novos descobrimentos científicos. Caminhou sorrateiramente conquistando seu lugar nos espaços urbanos e domésticos, assumindo de certa forma sua organização e funcionamento, bem como interferindo na vida privada do coletivo, gerando novas formas de comportamento e controle.⁶⁸

A formação de uma cidade sadia, limpa e ordenada devia começar por seus moradores, e isso era requisito indispensável para uma nação moderna, capitalista, industrializada e comprometida com o liberalismo europeu.⁶⁹ Visto isso, o controle da sujeira e dos corpos que prutefaziam nas ruas era tão importante quanto o controle dos vivos que disseminavam as epidemias e os micróbios. Aqui entra o papel da grande demanda de anúncios e comerciais que, no começo do século XX, eram mais produzidos e mais encorajados.

As propagandas de medicamentos são documentos legítimos que nos permitem identificar significativamente características culturais, econômicas e políticas que marcam o contexto histórico de uma sociedade.⁷⁰ Por outro lado, constroem e sustentam práticas identitárias de alienação, sendo importante instrumento de “normatização heterossexual, mas também de disseminação de certos ideais burgueses de família, higienização dos corpos, pureza das mentes e grandeza da nação, representando uma ferramenta nada desprezível de manutenção da moral e dos ‘bons costumes’”.⁷¹ Marginalizando pessoas e amplificando diferenças sociais, as diferenças binárias entre homens e mulheres nos jornais da capital catarinense serviam como parâmetros para julgar e desqualificar todo aquele que não se enquadrava nos textos construídos, imagéticos ou não, como por exemplo pessoas pretas, indígenas e casais homoafetivos, que também eram afetados pelas doenças, mas em sua maioria não pela cura.

Por fim, cabe a nós historiadores e historiadoras reconhecer que a hierarquia de narrativas não é uma questão gerada na atualidade, de acordo com Benjamin, ela é resultado de

⁶⁸ Ibid. LIMA, 1995.

⁶⁹ Ibid. LIMA, 1995.

⁷⁰ Ibid. SANTOS, 2017. p. 12.

⁷¹ Ibid. OLIVEIRA; GERMANO, 2020. p.12.

anos de construções históricas nas quais o historicista estabelece uma relação de empatia com o vencedor e essa relação beneficia sempre os dominadores. De forma encadeada, todos os vencedores de outrora caminham juntos com os dominadores de hoje e pisoteiam os corpos daqueles que, na maioria dos casos, assassinaram.⁷² Essa narrativa não busca esforços em silenciar os mortos, mas acaba por ser colocada à prova quando os sobreviventes decidem falar. Esse deve ser o objetivo do reconhecimento de imposições de gênero e crenças, mostrar que a cultura que no cortejo triunfal foi levada e modificada pelos vivos dominantes ainda têm muito de sua origem e sobrevive tal qual a medicina popular.

Referências

A Época, 11 de agosto de 1911. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/A%20epoca%20seminario/AEP1911042.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2021.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Introdução a Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

BUENO, Eduardo. TAITELBAUM, Paula. **Vendendo Saúde, A História da Propaganda de Medicamentos no Brasil**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

CALAÇA, Carlos Eduardo. **Medicinas e plantas medicinais nos trópicos: aspectos da constituição da ciência farmacêutica ocidental**. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(1):221-26, jan.-abr. 2002.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua. **O Saneamento do Brasil: Saúde Pública, Política e Integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868 – 1939)**. Tese de Doutora em História, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 15.

Correio da manhã, 3 de setembro de 1895. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodamanha/COR1895001.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2021.

Correio do Povo, 20 de junho de 1905. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em:

⁷² BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história, 1940**. In: Idem. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodopovofolha/COR1905134.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2021.

CRELLIN, John. Herbalismo. In.: PORTER, Roy (org.). **Medicina: a História da Cura**. Lisboa: Centralivros, 2002.

EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

Jornal do Commercio, 7 de dezembro de 1983. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Jornal%20do%20Comercio/1893/JDC1893235.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2021.

LIMA, Tania Andrade. **Humores e Odores: Ordem Corporal e Ordem Social no Rio de Janeiro, século XIX**. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, 11(3), 44-96, 1995.

MACHADO, Vanderlei. **A saúde da mulher e a virilidade masculina: imagens de corpo e gênero em anúncios de medicamentos - Florianópolis (1900-1930)**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2007. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/nuevomundo/4013?lang=pt>>.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista**. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, Unicamp, 1999.

O Estado, 30 de maio de 1915. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1915/EST1915015.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 21 de abril de 1917. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1917/EST1917586.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 6 de novembro de 1926. Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1926/EST19263728.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 31 de maio de 1928. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1928/EST19284208.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 9 de novembro de 1929. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1929/EST19294834.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 9 de junho de 1930. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1930/EST19305009.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 11 de agosto de 1930. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1930/EST19305063.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Estado, 31 de dezembro de 1930. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1930/EST19305177.pdf> . Acesso em: 03 setembro 2021.

O Gato, n.º 1, 28 de out. 1899. Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.a>. Acesso em: 03 setembro 2021.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: **Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994.

POHLMANN, Gabriela G. **A medicina popular na Ilha de Santa Catarina**. Revista Santa Catarina em História – Florianópolis: UFSC – Brasil, v.1, n.2, 2007.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos Santos. **Rastros na memória: propagandas de medicamentos, história e patologização da vida**. Ficção e Poder: Oralidade, Imagem e Escrita, Fortaleza, 2017.

SIGOLO, Palandri Renata. Plantas medicinais no Brasil contemporâneo: da "botica da natureza" à "saúde em frascos". In.: **Plantas Medicinais e os cuidados com a Saúde: contando várias histórias**. Florianópolis: NUPPe/UFSC, 2015.

SILVA, Cintia Rufino Franco da. **Intelectuais e integralismo: Belisário Penna e o sanitarianismo no Brasil dos anos 1930**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina "Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro". 2013.

SILVEIRA, Cláudia R. **A Imigração da Mulher Açoriana em Santa Catarina: da subversão à bruxaria**. In: *Fazendo Gênero IX: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, 2010.

STANCIK, Marco Antonio. **Medicina e Saúde Pública no Brasil: Dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX**. REVISTA ESBOÇOS, Volume 16, Nº 21, pp. 111-136 — UFSC, 2009.

SERPA, Pollyana Varela. **A reconstrução da ordem social e higiênica em Florianópolis na primeira década do século XX**. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC - Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Ela vai cair: o fim da monarquia no Brasil. In. SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.